

Projeto Nacional PHPB – Equipe Regional Pernambuco

Século XX – Tipo de Impresso / Cartas de Leitores

Edição: SILVA, Andréa Souza e
SILVA, Mauricio Vieira da

- 1 Modalidade: Língua escrita.
- 2 Tipo de Texto: Publicações Solicitadas (Carta de Leitor).
- 53 Assunto: Carta dialogando com texto anterior esclarecendo acusações.
- 4 Data do documento: 24 de abril de 1910.
- 5 Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco – Recife.
- 6 Local de depósito do documento: Arquivo de microfilmagens da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)/Recife-PE; caixa Jornal *A Provincia*.
- 107 Identificação do autor: Eugenio Samico.
- 8 Número de palavras: 2.147
- 9 Informações levantadas:
- 10 Editor do documento: SILVA, Andréa Souza e & SILVA, Mauricio Vieira da. Cartas de Leitores – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas de Leitores da primeira metade do século XX – Carta de leitor 5.)
- 15

Publicações Solicitadas

20AO PUBLICO || O jornal *Pernambuco*, em edição de 20 | publicou noticia, calcada sobre palavras
| minhas a respeito de factos occorridos | no Cemitério publico. || Pretende-se pór duvida á
veracidade | dos factos. || Devo provar a verdade. Faço-o com | facilidade. Não invoco o
testemunho de | pessoa alguma. Telo-ia muitos. Não | preciso. Basta a carta de meu illustre |
amigo sr. Mario G. de Mattos, que se | pretende servir de documento de con- | testação. Ella é
25antes a confirmação da | justeza dos conceitos e da verdade dos | factos. || Começarei narrando
as occorencias. | Com alguns collegas acompanhei o | enterro do inolvidável Joaquim Nabuco, |
levando um andor com a capella da As- | sociação dos empregados no commercio. | Chegando
ao Cemitério, que já estava | cheio de povo, fizemos guarda ao andor | que ficou, como todos os
outros, em li- | nha ao lado da sepultura. Em nossa | frente apinhava-se massa compacta de |
30cavalheiros, senhoras e crianças, que á | porfia desejavam estar perto do tumulto | e dos
oradores. Falou o illustrado dr. | Raphael Pinheiro. Em momento dado | houve um recuo do povo.
Durou pouco. | Restabeleceu-se de prompto a ordem | anterior. Soube que tinha sido a appro- |
ximação da carreta conduzindo o ataúde. | Terminou o dr. Raphael Pinheiro sua | brilhantíssima
oração, coberto de ap- | plausos do povo electrizado. || Tomou a palavra o dr. Trajano Cha- |
35com. Falava havia 10 minutos ou mais. | quando o povo rompendo em protestos | enérgicos,
recua espavorido. Choviam | os gritos de –NÃO PODE–da parte até de | pessoas qualificadas,
gritos de terror, e | recuo forçado continuava cada vez | mais forte. Na minha frente vejo, se- |
guindo a llinha em que o povo era obri- | gado a recuar, o illmo. Sr. guarda-mor, | o meu amigo
coronel Alfredo de Britto | Carvalho, que falavam e gesticulavam. | Não conhecia o illmo. Sr.

40 guarda-mor, | reconheci-o pela farda que vestia. Ap- | proxima-se delle (do illmo. Sr. guarda- |
mor) meu particular amigo sr. Mario | Mattos. Falam e entretanto a balburdia | continuava.
Então o major Alfredo dos | Santos Almeida, cujo filho quase era pi- | sado, a bons pulmões
grita exprobrando | o que se passava, pedindo ordem e indi- | cando que diante do cadaver do
grande | morto era devido respeito immenso. || Serenou o tumulto. Voltou o povo a | respeitada
45 calma anterior. O dr. Traja- | no Chacon já tinha terminado seu dis- | curso. Com toda ordem
foram ouvidos | mais dois oradores. Começaram os com-| mentarios e as versões. Eram
repetidas | palavras do illmo. Sr. guarda-mor e do | coronel Carvalho. || Mal impressionado com
o que havia | occorrido procurei meu ill. Amigo Ma- | rio Mattos e inqueri do que se havia |
passado entre elle e o illmo. Sr. guarda- | mor. Delle ouvi o que foi publicado. | E possivel que
50 não tivesse bem guarda- | do em memoria as palavras textuaes do | meu amigo. Certo é,
porém, que mes- | mo em rigorosa analyse, ha perfeita con- | formidade entre os conceitos
emittidos | na publicação inquinada e os da carta | que o mesmo escreve em resposta á do |
illmo sr. guarda-mor. || Narradas as occorrencias a largos | traços, vê-se que há accordo entre
esta | narrativa e a noticia do dia 20 do cor- | rente. || Estatue a noticia a que me refiro: || 1º
55 que houve balburdia; 2º que hou- | vê protestos; 3º que o povo fôra | obrigado a recuar á força
pelos guar- | das; 4º que estes obedeciam a ordem do | illmo guarda-mór amistosamente para
pedir ou- | tro proceder; 6º que o illmo guarda- | mor dissera que em occasiões taes não | devia
haver protestos; 7º que s.s. dis- | sera ao sr. Mattos ninguem protestar no | Rio Grande do Sul,
quando assim se fa- | zia, e o sr. Mattos retorquia, que no | Norte se protestava; que o illmo. Sr.
60 | guarda-mór e coronel Alfredo de Brit- | to Carvalho gesticulavam exaltada- | mente. || Provas:
|| 1º *Houve balburdia* . Diz a carta de | meu amigo sr. Mattos, na ultima linha || do 2º período –
quando houi grande vo- | zeria e balburdia—Está feita a prova. 2º *Que houve protestos*. Diz a
car- | ta no 4º período: -- *Cortezmente v.s.* | (refere-se ao illmo sr. guarda-mór), | *respondeu-*
me que um marinheiro havia | empurrado um rapaz e este se lembrara | de protestar. – Esta
65 feita a 2º prova. E | o proprio sr. guarda-mór quem affirma | ter havido protesto. Outra cousa
não signi- | ficam suas palavras --- *aqui se protesta*--- | ditas em tom amistososo. Não são o pro-
| texto vehemente do maguado, mas são | o protesto enérgico, filho da convicção | de homem
ponderado e calmo e do ami- | go sincero e leal. || 3º *O povo foi obrigado a recuar á for- I ç.* |
Se houve balburdia e vozeria, se | houve protestos por parte do povo, | se um marinheiro
70 empurrou um rapaz | como diz o illmo sr. guarda-mór, é cla- | ro que o povo foi obrigado a
recuar á | força. Se o povo recuasse por sua li- | vre vontade não gritava, não protestava | nem
o marinheiro tinha necessidade de | empurrar ninguem. Obrigado a recuar | á força por quem?
De um lado estava | o povo, do outro lado estavam os guar- | das. Se o povo foi obrigado a
recuar, | se ha affirmativa official que um ma- | rinheiro empurrou um homem do povo; | quem
75 poderia ter obrigado o povo a re- | cuar? A resposta é facil e a prova está | feita. 4º *Que os*
guardas agiam em obedien- | cia ás ordens do illmo sr. guarda-mor. | O illmo sr. guarda-mór
não é autori- | dade policial do estado de Pernambuco. | Suas atribuições estão prescriptas nos |
24 §§ do art. 105, da “Nova Cons. das Leis | das Alfândegas”. Sua jurisdicção se exer- | ce sobre

a Companhia de guardas e e au- | xiliares. Esta companhia tem organi- | sacão quasi militar. O
80ataúde do queri- | do Nabuco era conduzido por uma tur- | ma de subordinados de s.s. que
estava | presente e os commandava trajando os | distinctivos de seu posto. Não é crível, | pois,
que sem quebra de disciplina, esses | guardas agissem de qualquer modo sem | ordem de seu
commandante ali presente. | Portanto, se no momento em que o po- | vo ouvia religiosamente a
brilhante ora- | ção do illmo dr. Chacon, os guardas | retiraram o ataúde da carreta para fa- |
85zei-o baixar a sepultura, isto fizeram, | por ordem de seu commandante; e se | para fazer este
trabalho elles tiveram | que empurrar o povo, essa balburdia e | esse recuo forçados são a
consequencia | das ordens de s. s. dadas em in[[o]]ppor- | tuno momento. || Se s. s. não deu
ordem alguma, se os | guardas de motu proprio fizeram baixar | o ataúde a sepultura, e um
marinheiro | empurrara um rapaz, no dizer de s. s. | se tudo isto foi feito sem ordem supe- |
90rios, digo, houve indisciplina. E s. s. | não reprehendendo os guardas, não os | obrigando a
repor o ataúde a carreta | defendendo o acto do marinheiro que | empurrou o rapaz,
manifestando-se con- | tra o protesto do maguado que taxou de | imprudente (está escripto na
carta *im- | prudencia era protestar em taes occasiões*) | encapou e defendeu uma indisciplina. |
Ora, ninguem acredita absolutamente que | o illmo sr. guarda mor, funcionário de | categoria
95superior, e zeloso, encampe | uma indisciplina. || Não sendo absolutamente acceitavel a |
segunda hypotese subexiste a primeira | e esta feita a prova. || 5º *que o illm. Sr. Mario Mattos*
se diri- | gir[a] amistosamente ao iillmo sr. guarda | mor para pedir-lhe outro proceder. ||
Confirma a carta do meu illustro ami- | go Mario Mattos que elle se dirigira | amistosamente ao
illmo. Sr. guarda-mór. | Discorda neste ponto: não foi para pe- | dir outro proceder, foi para
100perguntar | o que se passava. E factó confirmado | que se deu a intervenção de meu ami- | go
M. Mattos. || O fim que teve em vista meu amigo, | e que, no seu dizer, foi de simples curio- |
sidade, e eu suppuz que elle tivesse a | grande utilidade de um pedido, de um | conselho, é que
nos colloca em ligeiris- | sima divergencia, que em nada destaca | ou modifica a verdade da
affirmativa. Ao | meu amigo sr. Mario Mattos eu peço me | permita a mim, que o conheço bem
105de | longos annos, que aprecio os dotes de | seu espirito ponderoso, e de seu cora- | ção bem
formado, que sei bem aconse- | lhar e praticar o amor e carinho, conti- | nuar na crença firme
de que se dirigin- | do amistosamente ao illm. Sr. guarda- | mor, de quem sei é amigo, não o fez
só | com o fim de inútil curiosidade. 6º *Que o illm. Sr. guarda-mor dissera | em occasiões taes*
não deve haver pro- | testos. A carta de meu illustre amigo | Mattos diz: -- *que imprudencia era*
110*pro- | testar em taes occasioes* –Palavras do | illm. Sr. guarda-mór, que vão além do | do que eu
disse. S.s. considera em taes occasiões uma---imprudencia—o protes- | to do magoado. 7º *Que*
s.s. dissera no Rio Grande do | Norte não se protestar quando assim se fa- | zia e o sr. Mattos
respondera que no nor- Ite se protestava. || A carta de meu amigo Mario Mattos | confirma em
absoluto essa asserção. Am- | plia até as palavras do ilm. Sr. guarda- | mor, que diz ter se
115referido ao sul, ter- | mo mais lato, que pode abranger os es- | tados desde Alagoas até o Rio
Grande do | Sul. || Desta vez a carta provou a ver- | dade da noticia. 8º *Que o illm. Sr. guarda-*
mór e o co- | ronel Alfredo de Britto Carvalho gesticu- | lavam exaltadamente. || Eu poderia

deixar de me ter referido | a esta asserção, porque a carta que deu | causa a esta publicação,
sobre ella si- | lencia. Entretanto não quiz deixar sem | analyse nenhum dos pontos da noticia |
120calcada sobre a conversa que tive com o | meu amigo. || Sobre este ponto seja-me permittido |
suppôr, que meus olhos se tenham en- | ganado, e conceder que a gesticulação | que me
pareceu exaltada não era. || Feita as provas, resta-me dizer, por- | que conversei sobre o
assumpto com o | meu amigo dr. Erasmo Macedo. || Impressionou-me muito mal a pressa | com
que se fez descer a sepultura o ca- | daver do patrício querido deste povo, | que elle estremecia;
125cadaver que na- | quelle mesmo instante acabava de ser | entregue ao governo do povo
pernam- | bucano pelo valente orador dr. Raphael | pinheiro. || Admirei a descortezia para com
um | orador e ouvintes ordenando-se em ple- | no discurso um trabalho que não dei- | xaria de
pertubar a attenção de todos. || Extranhei que, tendo o orador da illus- | ter commissão, que
acompanhou o cor-| po do grande pernambucano do Rio | para aqui entrque os despojos do
130ines- | quecivel brasileiro ao governo e ao po- | vo, ninguem quer pelo governo, quer | pelo
povo se apresentasse para receber | tão valiosa dádiva e prometter solemne- | mente guardar e
conservar com cari- | nho e amor eternos tão preciosa reli- | quia. E tal succedeu, eu creio, por
cau- | as das occorrencias a que me refiro. || Estas e quejandas considerações ac- | tuaram tão
profundamente em meu es- | piritto que encontrando meu amigo Eras- | mo de Macedo, em
135quem, folgo em di- | zer, achei indentidade de vistas, com elle | conversei e analysei os factos.
--- || Terminando devo dizer que não julgo | ter commettido nenhuma indiscreção | tratando de
taes factos e envolvendo o | nome de meu particular amigo Mario | Mattos. || Os factos foram
públicos e o que me | disse meu amigo foi diante de tantas ou- | trás pessoas, que não podia
tel-o como | reservado. Recife, 24 de abril de 1910. || Eugenio Samico.

